

ROMANCE E NOVELA

O Dia – 04 de janeiro de 1935.

Muita gente que anda escrevendo por aí pensa que fazer literatura é transplantar para o papel o ridículo e bastante estúpido linguajar regionalista, pensa que interpretar a alma e o sentir o nosso matuto é só compor frases sem expressão, e, mais ainda, contra a estética da forma literária.

Este vício com o tempo tornou-se em hábito, em tendência, formando uma outra escola de literatura, já vitoriosa em todos os setores da atividade mental aqui no Brasil.

Só compreendo duas razões para que o indivíduo escreva, duas razões para que se publiquem livros: ou o indivíduo faz obra de arte ou faz, unicamente, obra de estudo. Fora destas duas razões ficam os escrevinhadores vulgares que só escrevem pela volúpia imbecil de escrever. Essa é a verdade.

* * *

O aparecimento de “S. Bernardo”, do sr. Graciliano Ramos, inspirou-me a vontade não pequena de afirmar algo sobre essa nova tendência do romance brasileiro. A distância que vai de “Caetés” a “S. Bernardo” é bem grande, e a diferença entre os dois romances do novo romancista do norte é por demais sensível para que fique sem comentários.

Em “Caetés”, o sr. Graciliano Ramos deixou transparecer claramente a tendência para a literatura regional. Esse o mal inicial do romance, pois esta literatura, encabeçada e escrita em ortografia caipira, está fadada, como toda obra de pouco fôlego, a uma vida efêmera. Somente a obra de arte, que interprete com fidelidade o ritmo da vida social, ficará para sempre: as demais desaparecerão tragadas pelo tempo, porque na ficção a arte está na interpretação fiel da vida objetiva.

Em “S. Bernardo”, pelo contrário, o sr. Graciliano Ramos não procurou sintetizar quadros de uma vida real imaginada, mas, muito pelo contrário, procurou ver a vida como ela deve ser vista: com realismo, sem excessos de pintura e nem de imaginação privilegiada. Fez livro completo.

“S. Bernardo” é uma autobiografia de um indivíduo medíocre. É passagem de um homem pelo mundo que se chamou Paulo Honório: “Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo S. Pedro”.

A forma, como o entrecho, é originalíssima. A atração do romance está mesmo na originalidade do enredo e da forma.

O sr. Graciliano Ramos é um romancista de fato. Todas as figuras que ele ativa são figuras reais e não imaginárias. Prefere mais a descrição simples e expositiva à linguagem decadente de floreios retóricos. Como Jorge Amado e Lins do Rego, é um romancista totalmente moderno.

* * *

Francisco de Assis Barbosa é um escritor novato. “Brasileiro tipo 7” é uma novela também nova e muito interessante, que foge por completo a essa literatura absorvente que combato.

O autor, no início, logo vem explicando: “Se o livro está mal escrito pouco me importa. Fiz ele por brincadeira. Não penso noutra coisa nessa minha estréia literária do que aparecer em público. Não me preocupe de aparecer mal ou bem”.

Isso nos basta. O sr. Francisco de Assis Barbosa não se preocupou de forma alguma em fazer literatura. Teve uma idéia e escreveu essa idéia e, infelizmente ou

felizmente, nos deu a notícia de um homem importante: José Maria Boaventura de Jesus, o “Brasileiro tipo 7” e mais tarde deputado à Constituinte brasileira.

O nosso comentário não interessa ao público. Parece mesmo que iríamos contrariar a intenção do sr. Francisco de Assis Barbosa. Fiquemos, portanto, no seu registro, mostrando com isso que os nossos escritores novos procuram livrar-se dos grilhões do sertanejismo chato.

* * *

Uma pergunta: porque os livros do escritor José Lins do Rego, em tão pouco tempo, deram ao seu autor o renome de um dos maiores romancistas patricios?

A resposta é fácil: o sr. Lins do Rego, apesar de fazer romance regional, não faz literatura cabocla. Essa também é a vantagem de “Suor” de Jorge Amado, sobre “Cacau”. E também o sucesso dos romances do sr. Gastão Cruls, como “Vertigem”, é devido unicamente à forma universal verdadeira que esse escritor dá aos seus romances.

Ao que parece, em breve, essa literatura absurda que há tempo domina a nossa vida intelectual desaparecerá sem deixar vestígios. Estou certo, será bem melhor para todos nós.

Basta-nos somente a genialidade de um Euclides da Cunha e o talento literário de um Afonso Arinos!

Esse registro de crítica ligeira dos livros novos dos srs. Graciliano Ramos e Francisco de Assis Barbosa foi feito com a intenção de mostrar que a nossa novela e o nosso romance procuram as formas que mais parecem verdadeiras da literatura universal, somente isso e nada mais.